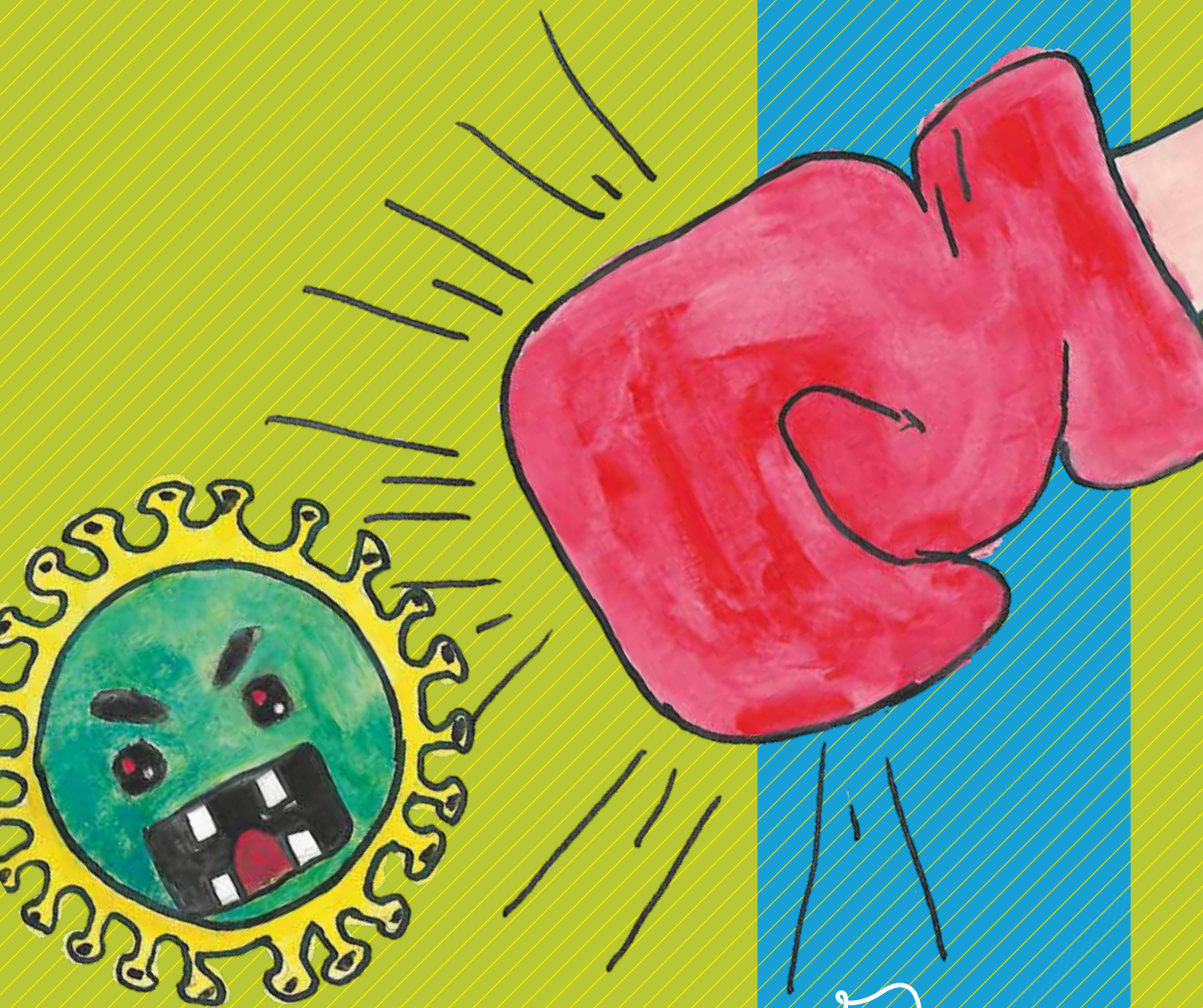


GOL DE LETRINHAS

14



FUNDAÇÃO
**GOL
DE LETRA**

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura
apresentam:

GOL DE LETRINHAS 14



APRESENTAÇÃO

Olá leitoras e leitores, como estão indo?

Vamos começar nossa breve conversa com uma pergunta: você sabe o que é uma tragédia? No geral podemos dizer que é um acontecimento com consequências terríveis, perdas e aquela sensação de horror. Pois bem, estamos vivendo uma tragédia desde o ano de 2020. A pandemia de Covid 19 nos afetou de maneira global, não houve para onde fugir ou se esconder, todos e todas nós fomos obrigados a encarar a doença, o distanciamento das pessoas queridas, o medo, a falta de trabalho e também a morte de milhares e milhares de pessoas iguais a nós, de todas as idades, raças, etnias, países...

Tivemos medo sim, passamos a nos preocupar com coisas que eram normais, como, por exemplo, respirar, apertar as mãos, abraçar. Tudo aquilo que nos parecia tão do dia a dia, tão normal, tão comum, passou a ser primeiramente um risco, e depois, uma saudade. Saudade de estar com as pessoas queridas, de andar nas ruas, ir aos lugares preferidos, visitar nossas avós, enfim, viver normalmente.

Quando uma coisa assim acontece podemos e devemos nos perguntar, de quem é a culpa? Quem foi o responsável por tudo isso? Talvez nunca saibamos a resposta, mas aprendemos outras coisas importantes. Aprendemos que é importante cuidar das pessoas, aprendemos que a ciência salva vidas, aprendemos que os governantes precisam ser sérios e comprometidos com o povo, aprendemos que nossa família e amigos são bens preciosos e acima de tudo, aprendemos que todos e todas nós somos humanos e fazemos parte de um mesmo mundo, mesmo que esse mundo nem sempre seja justo como gostaríamos e merecemos.

Hoje talvez nós estejamos mais atentos e atentas aos fatos do dia a dia que se passam na nossa casa e com as outras pessoas, e com pensamentos e sentimentos que talvez antes não estivessem tão claros. Vimos como é importante ser solidário, como é importante ser responsável, como é importante valorizar e exercer nossos direitos, como é importante nossa escola, nosso trabalho, nossa família e nosso mundo em comum.

O Gol de Letrinhas ano 14 vai passear por todos estes sentimentos, descobertas, aprendizados e histórias de vida. Convidamos você a pensar sobre esta tragédia que ainda estamos vivendo e também, sobre a nossa força para cobrar melhorias sociais, para lidar com as dificuldades vividas por nós e pela sociedade em geral, e para continuarmos fortes, mesmo que tudo pareça muito difícil ou que nada poderia ser feito para resolver os problemas. Mas aí é que está, pode sim ser feito!

Reflita sobre você também sobre a pandemia e seus efeitos, sobre seus medos, suas descobertas e forças, quem sabe assim a gente não transforma essa tragédia em uma boa oportunidade para evoluirmos como sociedade para um nível de maior respeito com o planeta, com as pessoas e com nós mesmos?!

Boa leitura!

FELIPE PÍTARO

SUMÁRIO

PREFÁCIO 8

CAPÍTULO 1

COMO ME SINTO 10

CAPÍTULO 2

PAPÓ RETO COM OS GOVERNANTES 36

CAPÍTULO 3

NÓIS POR NÓIS 50

PARTICIPAÇÃO ESPECIAL

FAMÍLIA DOIS TOQUES 58

O ESTADO BRASILEIRO 68

QUIZ 70

FICHA TÉCNICA 72

LISTA DE EDUCANDAS E EDUCANDOS 74



PREFÁCIO

E se os agentes políticos nos escutassem verdadeiramente?

E se o nosso Estado Democrático ainda em processo
formação nos enxergasse com maior atenção?

E se cumprissem as leis máximas de nosso país que estão na
Constituição de 1988?

TÍTULO I

Dos Princípios Fundamentais

Art. 3º Constituem objetivos fundamentais da República
Federativa do Brasil:

I- construir uma sociedade livre, justa e solidária;

II- garantir o desenvolvimento nacional;

III- erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as
desigualdades sociais e regionais;

IV- promover o bem de todos, sem preconceitos de origem,
raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

Constituição da República Federativa do Brasil, 1988.
Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf.

O *Gol de Letrinhas 14* chega às leitoras e aos leitores novamente com muitas histórias! Histórias de vidas, vidas cheias de sonhos... inúmeras dúvidas. Marcado por um dos momentos mais dramáticos para a história mundial devido a Pandemia da COVID-19. No entanto, também mergulhado em posicionamentos.

Um livro é um dos caminhos mais concretos para fazer chegar as maravilhas do universo das letras às famílias, nas vidas das nossas crianças e adolescentes. Em nosso caso, não apenas como uma das mais antigas e importantes ferramentas de construção de conhecimento, mas como espaço de fala para educandas e educandos da *Fundação Gol de Letra*.

Nesse sentido, resolvemos abrir esse lugar de diálogo com narrativas referentes aos desafios enfrentados por nosso público do Caju nesse momento pandêmico, que obrigou movimentos por um lado inéditos, por outro apenas adaptações de ações comuns na luta para sobreviver nos espaços segregados de nossa cidade. Assim, essa obra entrega ao público histórias de desafios, soluções, superações, redes de apoio, amizades, família e, especialmente, olhares críticos sobre as relações entre políticas públicas e o cenário pandêmico da comunidade. No final, o grande entendimento do grupo expresso na letra do artista Emicida: “tudo que nois tem é nois”.

O trabalho está dividido em quatro partes. A primeira apresenta relatos de vida, as diferentes sensações e sentimentos vivenciados por nossas crianças e adolescentes nesses momentos tão críticos. Em seguida, as falas de protestos, as legítimas cobranças dos devidos direitos enquanto cidadãos e cidadãos do Brasil. Na terceira parte trazemos as estratégias da comunidade para lidar com essa grande crise na saúde pública que alargou as diversas situações de vulnerabilidades. Concluindo a estrutura dessa edição de 2021, teremos a participação especial de textos produzidos por familiares de nossas educandas e educandos.

E assim está o nosso *Gol de Letrinhas 14*... Uma mistura de relatos de vida e vozes firmes em defesa de direitos. Desejamos mais uma vez uma leitura que contribua para o crescimento pessoal de todas e todos.

ELENISE BARBOSA SILVA RESTIER

Educadora

CAPÍTULO 1

COMO ME SINTO

E se eu pudesse dizer aqui o que eu sinto? E se através da escrita conseguisse colocar todos os meus medos, anseios e, de alguma forma, levar um pouco de mim para você? Sim! Para você! Aqui eu escrevo e através da escrita eu me descrevo!

Durante o ano percebemos a necessidade de falar sobre a pandemia, suas dores e medos. Sobre tudo o que envolveu (e ainda envolve) o mundo, fazendo parte da rotina de nossas alunas e nossos alunos. Por meio das atividades na Oficina de Letramento abrimos espaços para que todas e todos pudessem escrever o que estavam sentindo.



A pandemia afetou a minha vida de muitas maneiras. Há exatamente um ano e seis meses, eu era um ser humano completamente diferente do que sou hoje. Não resta resquícios da menina antes dessa tempestade. Cada momento vivenciado deixou uma cicatriz na alma. A fome bateu na minha porta, trazida pelo meu melhor amigo que estava sem comer. A mãe dele estava desempregada, consequência de uma escassez de emprego. Não consigo tirar o olhar dele da minha mente, principalmente quando ele me pediu uma banana para comer. Engraçado como, às vezes, não valorizamos uma simples banana, que se torna um banquete para um desamparado.

A tristeza, o pânico e a insegurança não pediram permissão. Bateram na porta e entraram sem nenhuma saudação. O afastamento social me privou dos principais motivos de valorização da vida. O abraço tão gostoso dos meus educandos agora pertence às lembranças de uma época bem distante. As rodas de amigos de um final de semana agora pertencem à completa solidão. O cheirinho de bolo saindo do forno da cozinha da vovó em uma tarde de reunião em família pertence agora só às memórias. Tudo desapareceu em instantes. Com a solidão, veio o pânico de que esse momento difícil nunca teria um fim. O medo de transmitir o vírus para uma pessoa amada e de que eu me tornasse parte das tristes estatísticas de óbitos no país era constante. Meu mundo estava desabando. Todos os meus portos seguros estavam tão distantes de mim... A tristeza não cabia dentro do peito, me encontrava no chão do chuveiro, me abraçando, tentando colar os cacos da minha alma, mas não encontrava nenhuma saída do fundo do poço de minha tristeza, até que o Facebook

me trouxe uma lembrança de 2019. Na foto, eu estava abraçando os meus educandos e isso me despertou uma esperança, porque, por mais que eu não conseguisse suportar tudo o que estava acontecendo, existiam motivos para lutar. A partir desse momento, eu vivi um dia de cada vez. Pedi ajuda a uma amiga para desabafar sobre o que eu estava passando. Construí uma caixa com fotos, desenhos dos meus educandos, meus doces favoritos e minhas músicas favoritas. Uma caixa de primeiros socorros sobre saúde mental.

Hoje, quando me olho no espelho, vejo uma menina com muitas cicatrizes, mais forte, menos insegura, mais grata pela vida e com uma vontade voraz de viver. Eu aprendi que na tempestade mais escura, quando seu mundo está desmoronando, quando é difícil até respirar, quando os piores demônios te olham nos olhos, quando você se sente morta por dentro, ainda assim, mesmo com tudo isso, ainda há motivos para viver. Existe alguém ainda para você amar, um abraço te esperando, um nascer do sol para admirar, uma roda de amigos para rever e outros milhares de motivos.

Então viva, ame e faça a sua parte que tudo ficará bem! Eu vou aproveitar cada segundo e te aconselho a fazer o mesmo!

SARAH JULIE, 17 ANOS - MONITORA



Eu senti medo porque o coronavírus estava forte. Senti tédio porque eu não podia ir para a casa do meu amigo. Senti raiva porque eu não podia ir para a escola e para a Gol de Letra. Mas senti alegria porque a minha mãe podia trabalhar. Quero que esse coronavírus vá embora! Nós, humanos, vamos derrotar o corona!

ANDRIEL COSTA
Turma B - 10 anos

Eu me senti muito mal na pandemia por quê?

Porque eu não pude fazer nada. Quando a Gol de Letra fechou eu fiquei muito mal. Quando o comércio e a igreja começaram a fechar, fiquei com raiva e triste porque o lugar que eu mais gosto de ir é para a Gol de Letra e para a igreja. Quando era aula on-line eu não gostava muito porque eu tinha muita vergonha. Agora voltou tudo e fiquei muito feliz.

MARCUS VINICIUS
Turma B - 12 anos

A COVID

Eu fiquei triste porque não posso brincar.

Eu estava com raiva porque minha mãe não me deixava ir para a rua.

Hoje me sinto mais feliz porque posso ir para Gol de Letra.

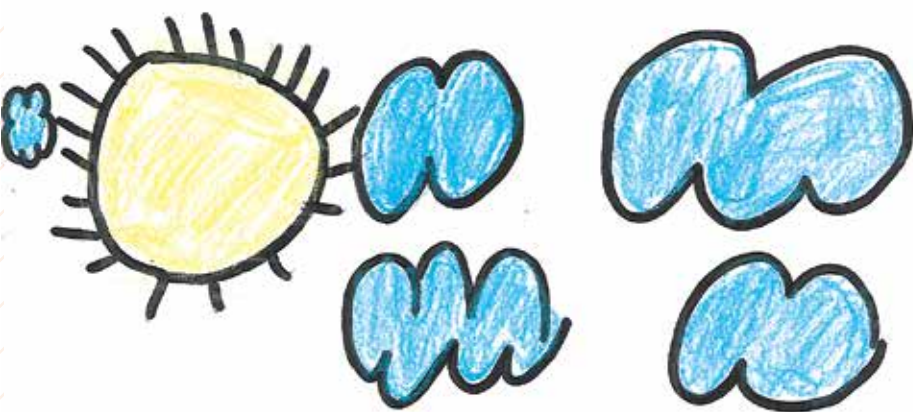
Eu estava triste porque o vovô pegou Covid e porque meus amigos estão na casa deles.

JONATHAN LUAN | Turma A - 10 anos

Eu estou triste! Não gosto da casa cheia, faz mal. Não gostei quando tudo ficou parado.

JOÃO RICARDO NASCIMENTO PEREIRA

10 anos | Turma A



Na pandemia eu fiquei muito triste porque várias pessoas morreram e não posso sair de casa. Nem posso ver minha vó e fico muito triste por isso. Mas tem um lugar que sempre me alegra: é a Fundação Gol de Letra.

CARLOS EDUARDO

SILVA SOUSA

Turma B

11 anos



Eu me senti com medo de não ir para a Gol de Letra, para o Dois Toques, para a Ginástica Rítmica, de ficar sem ver meus amigos, meus familiares e professores. Essa foi a minha história.

sara VITÓRIA menezes
Turma D | 10 anos

Eu fico triste porque quase todo mundo não sai na rua, eu quase não brinco na rua e o hospital está cheio de pessoas doentes e mortas.

ALEXSSANDRO
Turma D | 11 anos

Eu fiquei triste porque as pessoas não podem sair. Eu não posso jogar bola na rua, ver meus amigos na rua, não posso ir para o campo...

JOÃO VITOR SOUSA
Turma C - 10 anos

Como me sinto
Me sinto escassa
Me sinto vazia
Me sinto fria

Escassa
Pois vejo o descaso
Comigo
Com o meu povo
E com o meu país

Vazia
Pois tenho a saudade
em meu peito
Tenho a angústia nos meus
braços
E meus pesares sobre os pés

Fria
Pois me lançar sobre abraços
já não posso
Fria
Pois estar junto já não é
garantido
Fria
Pois não pressinto o fim
disso tudo
Logo ali na esquina

KAROL R. MONITORA - 17 anos

Eu me senti triste porque eu não podia brincar com os meus amigos na pracinha. A máscara incomoda na hora de falar porque ela entra na minha boca. Também sinto saudade de abraçar as pessoas que eu amo.

DAVI MOURA SANTOS
Turma C - 10 anos

Eu tive medo porque muitas pessoas estavam morrendo. A máscara incomoda muito. Eu tenho medo de morrer e tenho uma amiga que eu não vejo. Eu amo minha amiga e minha família. Eu senti falta da escola.

ALICE ALMEIDA MELO
Turma C - 9 anos

Eu senti chatice porque eu não posso sair, não posso brincar com meus amigos e não posso ir para o campo de futebol. Senti muita saudade dos meus amigos Nathan, Luquinhas e João.

JEFFERSON GUSTAVO | Turma C - 8 anos



Que essa pandemia tem sido meio louca para todo mundo isso não é nenhuma novidade, mas você já parou para pensar em como você se sente? Para ser sincero, eu mesmo nunca tinha pensado nisso e percebi que recebo uma grande carga de sentimentos, que em alguns casos é complicado contornar. É uma mudança de humor constante, uma sensação de estar preso e totalmente limitado. São muitos sentimentos para pôr aqui. Falarei dos mais marcantes e também os mais comuns que são: estresse, medo, tédio e saudade.

Estresse: esse é o que afeta não só a mim, mas a todos ao meu redor. Ele é gerado por diversas razões. Durante a pandemia eu me estresso pelo descaso com a educação e com a saúde, com a falta de respeito com os trabalhadores e com as famílias que ficam à mercê do governo. Isso é revoltante e estressante demais.

Medo: ter medo é comum, mas o medo na pandemia é diferente. Eu tenho medo de coisas que nunca pensei que teria na vida. Me pego pensando se vou sobreviver até o final do mês e, do jeito que as coisas andam, tenho medo de que pessoas importantes para mim morram porque pegaram uma “gripezinha”. O medo de não conseguir concluir o ensino médio também bate e a falta de matéria necessária colabora com isso.

Tédio: meu tédio é mais por passar muitas horas em casa e as opções de coisas diferentes para fazer dentro de casa já viraram rotina.

Saudade: por fim, a saudade. Esse sentimento é o que vem a todo instante. A saudade na pandemia também é louca, sentimos saudade de coisas que em dias normais odiávamos e que só fazíamos porque era necessário.

Eu, por exemplo, tenho saudade até de pegar o 483 lotado todo dia para ir à escola – isso é loucura, mas eu sinto. Também tenho saudade de andar tranquilamente sem máscara em lugares públicos, de jogar futebol em qualquer local, no geral, eu tenho saudade de viver normalmente.

A meu ver, se os responsáveis pelo país se organizassem para dar o suporte necessário e se eles realmente estivessem interessados em ajudar o povo, nós já estaríamos vencendo a pandemia como nos outros países e não nesse estado decadente que estamos.

O brasileiro trabalhador está passando por medos e estresses que eu nomearia como tortura nacional, onde só escapam os governantes e privilegiados da sociedade. Só quem sofre é o brasileiro que enfrenta ônibus, trem, metrô e BRT lotados, dependendo apenas do seu “histórico de atleta”, dos cuidados e da sua sorte para não contrair o vírus. Os que não têm a opção de não ir trabalhar porque precisam alimentar sua família e pagar suas contas, esses são os que realmente sofrem com a pandemia. Analisando cada ação e cada medida tomada pelo governo até aqui, podemos perceber que o povo só tem a ele mesmo. No fim, somos nós por nós.

ADRIANO SANTOS MONTEIRO DA SILVA JUNIOR
18 anos - monitor



Eu senti raiva porque eu não pude ir na escola.

KARINA LUA
Turma C - 9 anos

Eu me sinto mal porque as pessoas estão morrendo e tenho medo disso acontecer com a minha família também. Eu sinto saudades de sair para o parque de diversões.

VITÓRIA MOURA SANTOS
Turma C - 8 anos

Eu me sinto triste porque têm várias pessoas perdendo a família, como eu já perdi o meu avô. Mas outras pessoas ainda têm a família inteira, isso já me deixa um pouco feliz.

ANTÔNIO DA SILVA ARAÚJO
Turma D - 10 anos

Nessa pandemia, passei boa parte do tempo em casa vendo televisão e fazendo carinho nas minhas gatas. Eu sinto saudade de ir na praia e no shopping. Eu ia anualmente para a praia. Meu pai trabalha no shopping e me levava lá.

ANA VITÓRIA ALVES DA SILVA
Turma D - 11 anos

Eu senti saudade dos meus amigos e também um pouco de solidão e tristeza porque não posso sair de casa, mas eu entendo que não pode sair de casa porque tem muita gente morrendo e se contaminando pelo COVID-19. Não é por isso que vamos deixar de nos cuidar. Ficar em casa foi bom, aprendi novas coisas.

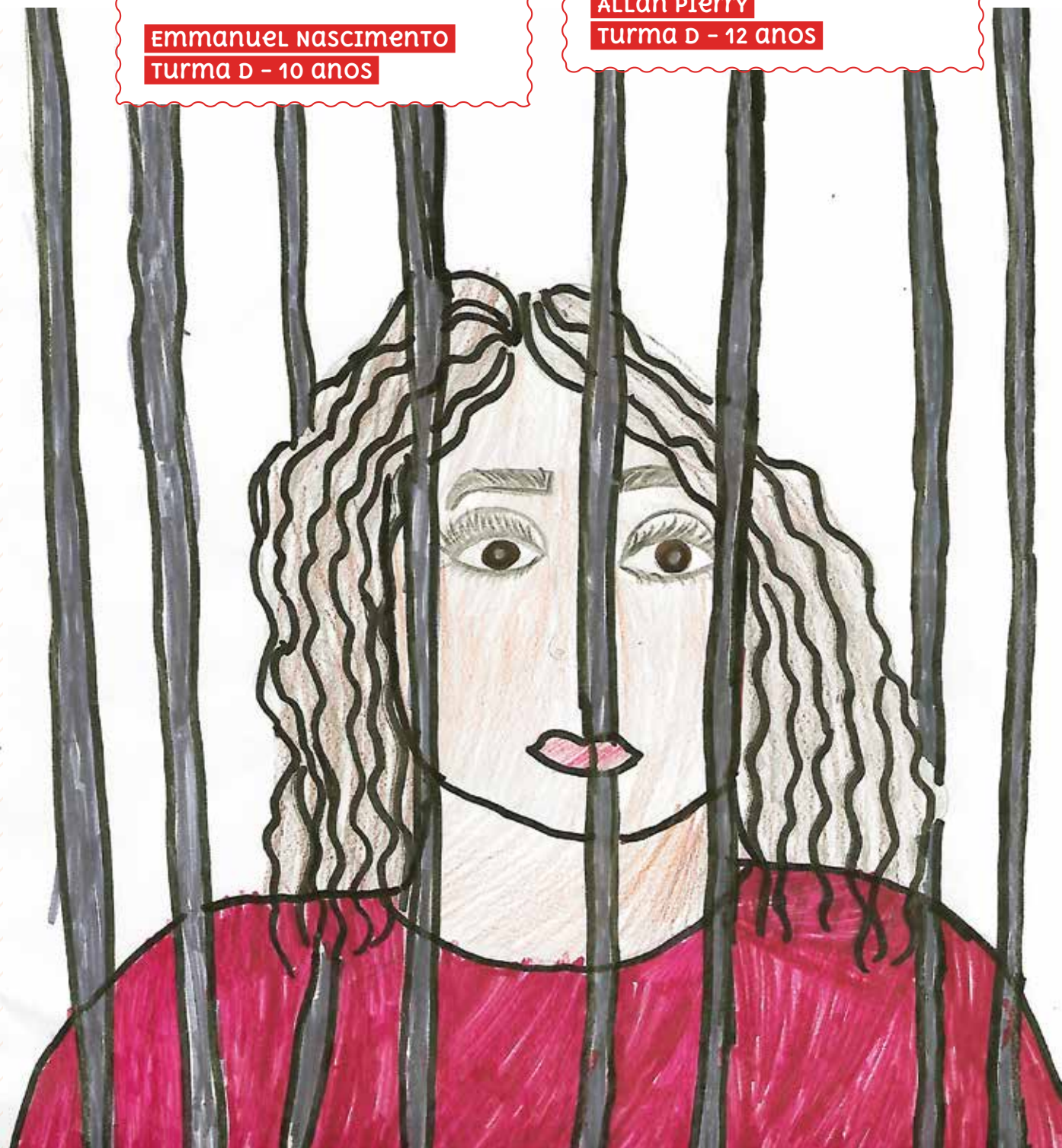
LÍVIA MACIEL DA SILVA
Turma C - 9 anos

Em casa eu fico entediado, chateado e triste também. Às vezes me boto no lugar das outras pessoas que estão com mais problemas, mas é difícil. Eu sinto isso.

Emmanuel Nascimento
Turma D - 10 anos

Eu na pandemia me senti triste pelas mortes, não aguento mais ficar com a máscara e quero sair com os meus amigos de novo.

Allan Pierry
Turma D - 12 anos





Na pandemia, eu não pude ir para a escola e ver o meu amigo. O que eu posso fazer para me proteger: usar máscara, usar álcool em gel, ficar a um metro de distância e não posso sair de casa. :(

GABRIEL DA SILVA
Turma D - 10 anos

Eu fiquei triste porque minha mãe pegou duas doenças (COVID-19 e tuberculose) e perdi minha avó, meu avô e meu tio.

JOÃO PEDRO LOUZEIRO
SIQUEIRA | Turma D - 11 anos

Eu me senti na pandemia muito triste com as mortes, mas tá chegando a vacina e eu quero para o nosso bem. Eu estou com saudade de poder abraçar minha mãe, meu pai, minhas irmãs, minha avó e meu avô, mas eu não posso. Eu acredito que tudo vai voltar ao normal, vamos poder abraçar nossos amigos e nossa família.

LEONARDO ANDERSON
Turma D - 11 anos

Como eu estou me sentindo na pandemia:

Não posso ir à casa de ninguém, não posso sair pra brincar na rua, não posso ir ao parquinho. Tem que usar máscara todo santo dia. Não posso brincar na rua com minhas amigas, primas, sobrinha e tia. Eu quero sair, me divertir, andar de bicicleta e patins, soltar pipa, brincar de boneca com minhas amigas, com a minha vó e com a minha sobrinha. Tem que passar álcool em gel. Estou com saudade de tudo que eu falei.

ALICE ALMEIDA | Turma C - 10 anos

Nessa pandemia, eu fico muito triste por não poder sair na rua e tem muitas pessoas morrendo, crianças sem poder brincar com os amigos na rua e não tem brinquedos em casa. Muitas pessoas estão sem trabalhar e não têm dinheiro para pagar o aluguel e estão sendo despejadas de casa, ficando sem ter um lugar para morar. Eu não posso abraçar meus pais, estou sem poder visitar ninguém e é muito chato ficar em casa isolado.

JOÃO MARCOS DA SILVA ARAÚJO
Turma D - 11 anos

Tá muito chato ficar em casa de quarentena e tá muito chato com essa máscara. Quando eu vou para a Gol de Letra é chato porque tem que usar a máscara e a minha amiga é a única que me faz rir nessa quarentena. Eu e a minha amiga parecemos um chiclete, grudadas até na Gol de Letra. A gente é colada! Meu Deus, a gente não desgruda! Fazemos Tiktok juntas, fazemos muita coisa juntas e é muito legal. Parece que a gente é irmã. <3

Mariana Marques
Turma D - 11 anos



Eu fiquei muito triste nessa pandemia. Primeiro eu fiquei sem vir para a Gol de Letra e sem ir na casa dos parentes, mas o que me deu um choque foi a morte de meu tio, madrinha e outra madrinha. Quem me deu apoio mesmo foi minha família e meus amigos. Que o sol ilumine vocês! <3

MARIA ALICE
Turma D - 11 anos



O que eu senti nessa quarentena...

Nessa quarentena, senti muita tristeza por causa dessa pandemia. Várias perdas, desastres, entre outras coisas. Nessa quarentena, perdi meu avô materno. Eu o amava e ainda o amo muito. Também sinto muitas saudades da escola, dos meus amigos e do meu avô, principalmente. E eu reparei que o desmatamento, o aquecimento global, a poluição e a falta de moradia estão subindo muito! Fico muito triste por causa disso, muitas pessoas estão desempregadas e estão ficando na rua sem ajuda, água e comida. Mas também teve coisas boas.

MARTA DA SILVA ARAÚJO
Turma D - 11 anos

Eu me senti triste porque as pessoas não respeitam o vírus e as outras pessoas ficam xingando. As pessoas maltratam os animais e tem pessoas racistas. Também me senti feliz porque eu estou com a minha família, meus amigos e as pessoas que eu gosto muito e, principalmente, Deus. Amo todos!

RAFAELA ANDRADE
Turma D - 11 anos

Eu me sinto muito presa, me sinto mal e feliz ao mesmo tempo! Fico mal por estar acontecendo tudo isso e me sinto mal pela falta da vacina, mas fico feliz por estar mais perto da minha família.

MARIANNA SILVA
Turma E - 12 anos

Eu me sinto bem com essa pandemia e minha família está se sentindo bem também. Eu faço algumas coisas no meio dessa pandemia: treino de futebol, curso de informática, Gol de Letra. O futebol é minha melhor atividade nesse ano e eu estou no futebol há 5 anos... É muito tempo, né? Sobre a escola, eu ainda não estou indo às aulas.

NILSON HENRYCK
Turma E - 12 anos

Oi! Vim falar o que a Covid-19 me fez passar.

Ela me fez perder muitas coisas, ela fez eu não ir para vários lugares, fez a maioria das pessoas ficar em casa e me senti muito triste também. Eu fiquei um ano sem ir pra escola e fiquei sem fazer o que eu gosto. Mas chegou 2021 com a vacina. Mas tá chato! Eu acho estranho, uma vacina demora muito e estão fazendo outra e eu espero que tudo fique bem.

MIGUEL GOMES DE AQUINO
Turma D - 10 anos



Eu me sinto triste por causa da pandemia, pois não posso ir para a escola. Essa pandemia acabou com o Brasil e com outros lugares, matando as pessoas, fechando as escolas. Pra piorar, nesse momento ainda estamos sem o auxílio emergencial que tanto precisamos.

KAYLLANE VITORIA ROCHA
CARDOSO | Turma E - 12 anos

Eu me sinto meio neutro, sem muitos sentimentos porque eu acho que minha mãe não passa sufoco, mas todo mundo já passou sufoco na minha família. Só três pessoas pegaram Coronavírus, ainda bem que eu e meu irmão Breno não pegamos! Não consigo me imaginar sem a minha família.

VITOR RIBEIRO DE OLIVEIRA
Turma F - 13 anos

Quando a pandemia chegou eu pensei que acabaria rápido. Eu vi que estava começando a demorar muito, não podia sair de casa e toda hora passavam mais pessoas mortas com essa doença. Eu comecei a me sentir mal porque esse tanto de pessoas morreu, outras não podem trabalhar, nem sair de casa e ir pra rua. A gente só pode ficar dentro de casa passando álcool em gel toda hora, não pode ir na sua avó, nem na sua tia e no seu avô. Só em casa. Chegou um dever para fazer em casa... No jornal só aumenta o número de mortes, casos de coronavírus e de repente fiquei triste do nada.

MATHEUS CATERINQUE DA CONCEIÇÃO
Turma D - 11 anos

Eu não gostei da pandemia porque muitas pessoas perderam emprego, tiveram o auxílio negado (mesmo precisando dele para se alimentar) e outras que nem precisavam receberam e ficaram fazendo churrasco ao invés de comprar cesta básica. Muitas coisas ficaram mais caras e, na minha opinião, elas tinham que diminuir e não aumentar. Também não gostei de fazer aulas on-line porque na escola eles mandam fazer duas páginas de dever e na aula on-line eles mandam fazer muitos deveres.

RUAN SILVA

Turma F - 14 anos

Essa pandemia está muito chata e está acabando com a felicidade das pessoas. Quando descobriram que era para ficar em casa, a felicidade das pessoas foi por “água abaixo” porque todo mundo gosta de sair. Esse corona chegou acabando com tudo e isso não foi bom para ninguém.

LUCAS MARQUES

Turma E - 13 anos

A pandemia está sendo uma forma de aproximar e afastar pessoas e sentimentos, de perceber o quanto as pessoas são passageiras mesmo ainda estando na sua vida. Um turbilhão de sentimentos de amor e ódio e muitas vezes nem se sabe o que se está sentindo, de que pequenas coisas machucam as pessoas. Além de mudar as pessoas, o mundo, o estilo e a forma de pensar, de se apegar às pessoas e perceber quanto tempo passou e querer aproveitar a vida ao máximo, de sempre sorrir com um simples olhar, de ver que as pessoas são importantes e que nós somos importantes.

KAROLYNA BEZERRA | Turma F - 15 anos



A pandemia afetou muitas pessoas, incluindo nós, os jovens. Nossa responsabilidade aumentou dentro de casa, sem escola, curso, academia, sem nada, apenas nossa casa e família. Alguns trabalhadores também pararam em casa e, de certa forma, se aproximaram dos seus filhos. Alguns por afastamento outros, infelizmente, pelo desemprego.

O planeta, do seu jeito, também agradece o confinamento pois as ruas e as praias ficaram mais limpas, menos gases poluentes são produzidos, muita coisa boa. Mas, onde tem o bem, tem o mal... Nós jovens (a maioria), afastados da nossa rotina, afastados dos amigos e dos roles, recebendo certa “pressão” em casa. Isso nos fez mal, as taxas de ansiedade, depressão e pânico aumentaram bastante, não só em jovens, mas em adultos também. Todos esses distúrbios são coisas sérias, não brinquem com o coleguinha depressivo, nós não sabemos o que se passa na mente deles. Ajude da forma que puder, desde apoio emocional a conselhos e indicações de psicólogos.

Depois de um tempo de quarentena, as pessoas ignoram os casos de COVID-19 nas alturas e voltaram a sair, sem proteção nem nada. E, assim, ficou o gráfico, aumentando cada vez mais os casos do vírus.

LETÍCIA ALVES | Turma G - 17 anos

Estamos há quase um ano de quarentena e, a meu ver, a minha vida mudou completamente. Eu deixei de ir à escola, à Fundação Gol de Letra, fazer exercícios e frequentar lugares que eu costumava frequentar. Consequentemente, deixei de ver pessoas que eu amava e, mesmo estando em casa com a minha família e meu pai que quase não ficava em casa por causa do trabalho, eu senti muita falta da minha antiga rotina. Isso também me deixou preocupada com o que estava acontecendo. Não tive nenhuma dificuldade dentro de casa, mas sempre tive medo do que estava acontecendo e o que poderia acontecer. Além de muitos costumes que eu tive que deixar e muitos que eu tive que me acostumar como, por exemplo, me prevenir do vírus.

MARIANE S. SOUSA | TURMA F - 14 ANOS



Na minha casa sinto raiva o tempo todo. A minha mãe não está trabalhando e está tudo muito difícil!

AGHATA VITORIA
14 anos - Turma F

Quando a pandemia começou, tudo foi ficando estranho: lojas fechando, menos população na rua, pessoas de máscara, etc. E, nesse estado da pandemia, ninguém suporta mais. Tudo está uma loucura!

DANIEL ALVES
Turma H - 13 anos

Foi horrível porque não fiz quase nada direito e porque minha escola fechou. Fiquei muito chateado, pois não consegui falar com meus amigos.

WALLACE MATHEUS
Turma G - 14 anos

Eu me sinto presa que nem um passarinho, pois toda essa pandemia está me atingindo muito socialmente e psicologicamente. Não tenho vontade de estar com ninguém, só vontade de comer. Sinto saudade de ir para a escola, de conversar com amigos nas ruas, de abraçar, de ir no parque com meu cachorro, dar uma volta com meus amigos, de ir para a piscina, mas não dá por causa da pandemia. No momento, só temos que aguardar as pessoas tomarem a vacina e tudo se normalizar.

DUDA MARTINS
Turma G - 16 anos

A pandemia foi algo muito ruim que aconteceu com o mundo e com a minha família não foi diferente. Foi muito difícil passar por essa situação, principalmente quando fiquei sem ir para a escola, sem ver meus amigos, sem as pessoas que eu gosto, mas com força e dedicação vamos superar isso.

RODRIGO NASCIMENTO
Turma G - 17 anos

A pandemia está sendo muito difícil para mim! Minha mãe está desempregada e as vezes não tem coisa para comer. Ela cuida de mim e dos meus três irmãos sozinha. Às vezes a vejo chorando e isso me deixa muito triste. Eu ajudo minha mãe a cuidar da minha irmã de dois aninhos para não ficar tudo nas costas dela. Na maioria das vezes me sinto sozinha, sinto saudades da escola, dos meus amigos doidos e da minha vida como era antes. Tenho fé de que essa pandemia vai acabar e tudo vai voltar a ser como era antes.

KAROLYNE WANESSA
Turma G - 14 anos

Nessa pandemia, eu convivi mais com meus pais e os conheci mais do que já conhecia. Tivemos momentos difíceis, fui forte em situações que eu não sabia o que fazer e fiquei mais próxima da minha família. Descobri que muitas palavras machucam, mas com o tempo somos curados. O mais triste de tudo isso foi a morte de pessoas por causa dessa doença e também como a nossa saúde mental pode ser destruída em um ano, mas, por outro lado, somos curados com o tempo.

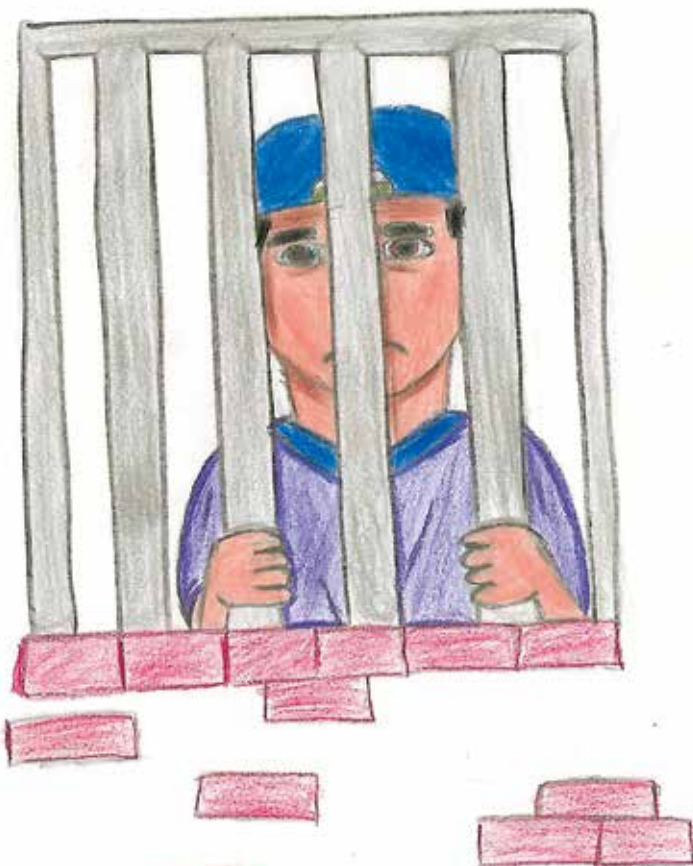
LARISSA SENA
Turma G - 16 anos



Nessa pandemia, eu sofri muito com o impacto emocional. Eu já nasci com alguns problemas psicológicos - acho que todos temos algum problema, isso é totalmente normal - e eu tinha uma rotina bem cheia, isso me ajudava muito, mas com a pandemia tudo mudou. Então eu quase caí em uma depressão. Porém, me acostumei com a nova realidade, isso passou e eu só fiquei um pouco antissocial.

samara LOPES

Turma G - 16 anos



Se me pedissem para dizer com qual animal mais me identifico depois da pandemia, eu diria: os pássaros! Não os das florestas, livres, felizes, mas sim os passarinhos de gaiolas, solitários, deprimentes. Porque foi assim que me senti: sozinha. Apesar de ter parte da minha família em casa.

Também me senti acolhida por minha mãe, minha irmã, minhas tias... Senti que eu posso contar com elas.

Senti que não importa a pandemia, a doença, ou até mesmo a distância, posso sim contar com as pessoas da minha família.

“Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro!”

Belchior tem razão

karyna CRISTINE | Turma G - 16 anos

Não sei como as pessoas têm força de viver nesse terror profundo. Como é que vamos nos manter limpos se os nossos superiores estão ficando mais imundos? Pássaros encadeados no seu próprio ninho, o que adianta sair para aglomerar se lá no fundo sempre nos sentimos sozinhos? É pobre ficando mais pobre, rico ficando mais rico... Me diz: como essa vida faz sentido?

Ódio sempre será meu sentimento e meu sobrenome. Se o presidente não tá nem aí pra quem tá morrendo de COVID-19, quem dirá pra quem tá sem emprego e tá passando fome. Se ele gostasse de música, burrice e negligência seriam seus principais instrumentos.

Eu acho muito engraçado. Muitos dos nossos sofrendo para ter um arroz em casa e o outro lá se entupindo de leite condensado.

E não tem como não seguir a quarentena de forma táctica, nunca saiu de casa para buscar um balde d'água ou pesar uma cesta básica.

Como diz o Djonga: não tem para onde correr, as nossas dores nunca vão sarar, ou a gente morre de COVID ou com um tiro na cara.

Tê-lo na presidência é um insulto, ficaram calados com a morte do policial, mas um dos nossos morre a cada 23 minutos...

LEO | MONITOR - 17 anos

Eu me senti muito mal porque em casa não tinha nada para fazer, fiquei sem ver meus amigos, sem ir para a escola e não posso ficar na rua. Além disso, meu celular quebrou então, fiquei mais ainda sem ter o que fazer e também não podia jogar bola. No meio da pandemia, eu me mudei de casa e na casa nova era muito chato, não tinha nada para fazer além de conversar com as minhas irmãs. A única coisa que dava prazer era assistir televisão e jogar no celular da minha mãe.

kauê pereira
Turma G - 14 anos

Essa pandemia tem trazido muitos problemas para diversas famílias porque não está sendo possível sair para trabalhar, procurar emprego e tem muita gente que foi mandada embora e está dependendo do bolsa família para sobreviver. Tem gente que tem filho pequeno – até mesmo bebê! – e se mata para dar o que comer. E tem gente que tem tanto e não dá valor.

Na minha opinião, esse Coronavírus veio como uma derrota e espero que a vacina que lançaram sirva para curar essa doença que, além de ser horrível, está matando muitas pessoas de muitas famílias.

MIRIÃ MAIA | Turma H - 13 anos

Eu me sinto muito solitária e sozinha dentro de casa. Também sinto muito por quem perdeu parentes e amigos. É muito difícil isso. Estou com bastante saudade dos meus colegas da escola. Espero que isso tudo acabe logo. Para acabar com isso, precisamos nos prevenir, nos cuidar e cuidar também das pessoas.

**GABRIELY SANTOS
Turma I - 14 anos**

Bom... eu não fiz nada na quarentena, mas aconteceu uma coisa: um tio meu, que eu nem sabia que existia, morreu. Ele morava lá na Paraíba. Não sofri muito porque não o conhecia. Enfim... espero que a pandemia acabe e que a gente possa voltar a abraçar e beijar as pessoas que nós gostamos e que 2022 seja diferente.

**GEOVANNA DOS SANTOS
Turma H - 12 anos**

Na pandemia a gente não pode sair para rua e nem para casa da minha avó, que é pertinho de casa. Tem que ficar passando álcool em gel toda hora na mão e se for sair para algum lugar tem que usar máscara. Eu já não estava mais aguentando ficar em casa.

**MATHEUS CATERINQUE DA
CONCEIÇÃO | Turma H
12 anos**

É um sentimento de não ter liberdade para fazer as coisas que amo, é algo que ninguém esperava e imaginava. Você não pode ter um cotidiano como era nos anos anteriores, antes desse problema todo começar, e fica ainda mais complicado quando a própria população e o governo não colaboram.

Sobre as dificuldades, muitos estabelecimentos tiveram que se adaptar nessa pandemia e muitos acabaram fechando as portas por não conseguir se manter com essas mudanças, como consequência, muitas pessoas ficaram prejudicadas. Todos nós acabamos com algum problema e espero que estejamos livres dessa pandemia nos próximos meses.

JÚLIA RODRIGUES | Turma J - 16 anos

Minha quarentena não foi muito boa. 2020 foi o pior ano porque fiquei sem ver minhas amizades e minha família. Eu me senti sozinha.

**KemILLY DA
SILVA Ferreira
Turma H
13 anos**

No começo, eu levava super de boa e achava que nem ia durar tanto. O tempo foi passando então eu comecei a me preocupar com os meus familiares, principalmente com a minha avó - Há um ano depois ela tomou a primeira dose, graças a Deus!

Num país onde o próprio presidente não se importa com seu povo, muita gente não entende que ficar em casa é necessário. Espero ansiosa o fim dessa pandemia.

No momento, estou me sentindo triste porque sempre imaginei como seria o meu ensino médio e esse ano eu entraria, mas não posso nem ir para a escola por causa da pandemia.

Ana Beatriz Alves Alexandre | Turma J - 15 anos

CAPÍTULO 2

PAPOR RETO COM OS GOVERNANTES

Ter direito a ter direitos é a principal condição de cidadania. Lutar por eles não é apenas um direito, mas sobrevivência. E se eu pudesse lutar pelos meus direitos através do meu direito de aprender? E usando os meus conhecimentos adquiridos para exigir direitos que são meus?

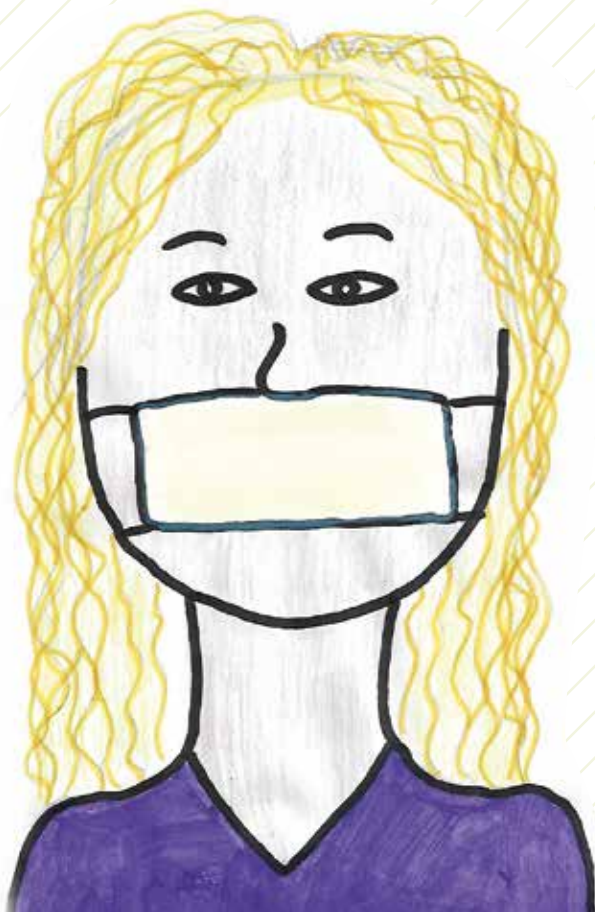
Aqui nossas alunas e nossos alunos trazem questionamentos fundamentais para as suas compreensões sobre as diferentes realidades vivenciadas em nosso país. Inclusive por que a necessidade de lutar por algo que já é direito meu, seu, nosso?

Algumas dos questionamentos mais frequentes foram:

- “Por que a comunidade não é ouvida?”
- “Por que o governo – poder público – não está cuidando de ninguém e não respeita ninguém”

São perguntas que demonstram sensações que ficaram muito fortes durante a Pandemia.





Governantes, meu nome é João, venho pedir que liberem as vacinas para a humanidade, para as pessoas deixarem de morrer. As pessoas ficam tristes com muitas mortes, os hospitais estão cheios e com falta de respiradores. Peço que vocês contratem médicos e tomem as devidas providências.

JOÃO VITOR PAIVA DOS SANTOS
12 ANOS - TURMA B

É triste e pode ser até considerado desumano uma situação dessas que temos de viver.

Onde está a igualdade, a empatia?

O governo até então não fez nada, pessoas estão morrendo o tempo todo. Não tem direito a higienização adequada.

Olha onde fomos parar, nossa população grita por socorro, nossas crianças têm fome, trabalhadores se esforçando para ter algo na geladeira.

Mercadorias estão ficando cada vez mais com valor altíssimo, não estamos vivendo, mas sim sobrevivendo.

LETÍCIA MARTINS
TURMA J - 15 ANOS

Queremos as vacinas porque teremos proteção contra esse vírus. Temos que usar máscaras, usar álcool e ficar em casa. Fiquem em casa, gente, para não pegar o vírus!

ANA JULYA BATISTA
11 ANOS - TURMA B

Eu estou feliz com a vacina, porque os meus avós já tomaram a vacina, acho ruim a demora para todos serem vacinados.

IVILLIS MARIA RITA MORAES SILVA | 9 ANOS - TURMA B

Queremos a vacina, Sr. Presidente! Por favor, nos ajude e a outras famílias também! Tragam a vacina e que todas as pessoas possam ser vacinadas!

JONATHAN LUAN MANU DA SILVA | 10 ANOS - TURMA B



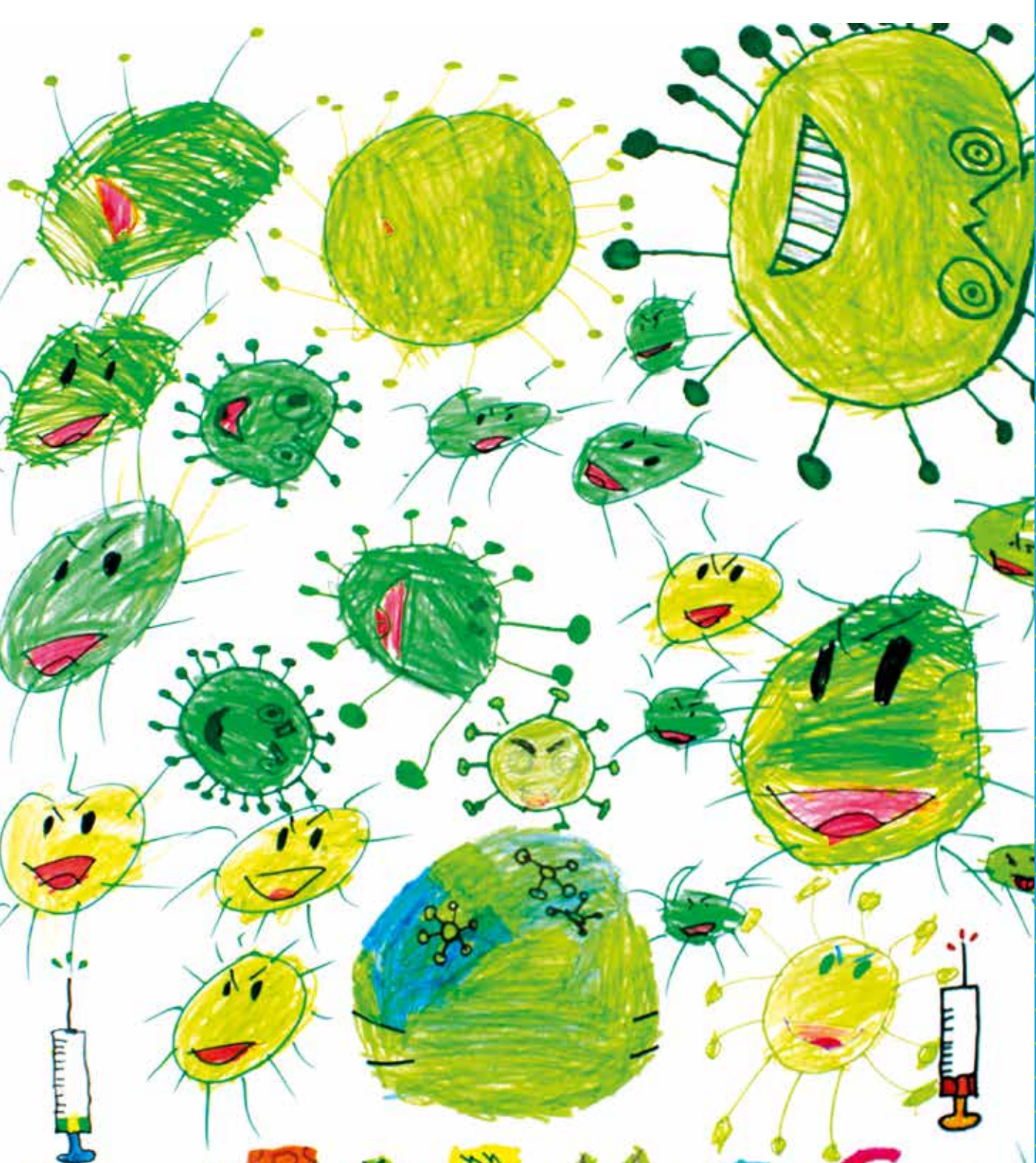
Não é de agora. Desde sempre o poder público tem descompromisso com a população. Olhando para todos os presidentes, prefeitos e governadores que já passaram, é muito difícil encontrar um que foi realmente honesto com seu povo.

Houve vários desvios de dinheiro que era para ser aplicado no nosso país em benefício do povo. O Brasil era para ser um dos países mais ricos do mundo, mas infelizmente o nosso governo corrupto não colabora.

Estamos em um momento difícil de pandemia. Se, antigamente, havia pessoas desempregadas, hoje em dia, tem muito mais e o governo acredita que R\$250,00 por mês dá para sustentar uma família. Isso é porque eles não passam por necessidades e fome como muitas famílias por aí, ao contrário, eles brincam e usam o dinheiro de qualquer maneira. Pessoas morrendo e o que estão fazendo? Simplesmente o que eles fazem de melhor: roubar!

Desde o início da pandemia, o governo estadual prometeu a construção de sete unidades de hospitais de campanha, mas só duas ficaram prontas. E nos perguntamos porque não construíram as outras cinco unidades hospitalares? Muito simples de responder: Desviam o dinheiro, como sempre fazem. Milhares de pessoas morrendo e eles curtindo com o dinheiro que poderia ajudar essas pessoas que morreram a ficar vivas. Que fique na consciência deles: o dinheiro que eles roubaram está sujo de sangue com a morte de milhares de brasileiros.

POLIANA VIEIRA - 16 ANOS



QUEREMOS
VACINA!!!



Queremos vagas de emprego, saúde, limpeza, volta as aulas e justiça para todos. Traga a vacina porque é nosso direito!

VITÓRIA MOURA SANTOS - 8 anos e LÍVIA MACIEL DA SILVA - 9 anos | turma C

Queremos a vacina para todas as pessoas tomarem, eu quero que as escolas voltem! Obrigado!

JOÃO VITOR SOUSA DO NASCIMENTO - 10 anos e DAVI MOURA SANTOS - 8 anos turma C

Nós queremos vacina! Nossos pais precisam trabalhar para ganhar dinheiro! Eles não são iguais a você que é rico! Nós temos o direito de tomar a vacina!

EVERTON VITOR NASCIMENTO DOS SANTOS - 11 anos, NATHAN RAFAEL FERREIRA DE ALMEIDA - 8 anos e EVELLYN VITORIA NASCIMENTO DOS SANTOS - 8 anos | turma C

Prefeito, todos nós somos seres vivos, somos humanos. Nós também merecemos a vacina, então libere essa vacina para todos, inclusive as crianças. Mas é claro, façam o teste primeiro, não quero que aconteça algo comigo ou com alguma pessoa. Eu exijo que liberem a vacina!! Obrigado!

EVERTON VITOR NASCIMENTO DOS SANTOS 11 anos | turma C

VACINA SIM! COVID NÃO!



Os direitos das comidas.

Os direitos da vacina.

Direito de ir à escola.

Direito de receber auxílio emergencial.

Direito que as vilas olímpicas voltem a ter atividades.

**João Pedro Louzeiro Siqueira - 11 anos, Leonardo
Anderson Manú da Silva - 11 anos e Allan Pierry de
Moraes Costa - 12 anos | Turma D**

Queremos justiça e que tragam a nossa vacina, pois é o nosso direito! Governantes, olhem por nós!

**DAVID LUCA SENA MARTINS -
8 anos e JEFFERSON GUSTAVO
SENA SOARES - 8 anos
Turma C**

Queremos tomar a vacina! Temos direito! Queremos as vacinas para todas as pessoas!

**JENIFFER DE
CASTRO SOUZA
11 anos | Turma D**

Senhor presidente, eu te peço que dê a vacina do Coronavírus. Eu não aguento mais! Te peço que traga a vacina, por favor, nós precisamos dela para poder viver.

**GABRIELLY
PEREIRA DO
NASCIMENTO
10 anos
Turma D**

Vim falar aqui que eu tenho direito a tudo, inclusive a vacina porque ela é para todos: idosos, crianças, adultos e grávidas. Esse é o meu recado! Vacina para todos! Vacina sim!

**MARIA ALICE DA CUNHA DE
LUMA - 11 anos | Turma D**

Prefeito, estamos em um tempo de pandemia e têm pessoas morrendo porque as vacinas não chegaram a tempo. Compre mais vacinas para gente, por favor!

**ALLAN PIERRY DE MORAES COSTA
12 anos | Turma D**

ALICE ALMEIDA MELO
10 anos | Turma

Emmanuel Nascimento
Clemente - 10 anos
Turma D



Eu estou muito triste com esses casos de Covid-19, que só aumentam. Eu quero que esses casos abaxem porque não gosto de ver pessoas boas morrendo, mas pelo menos já descobriram a vacina para esse mal. Só falta um tempo para acabar. Muitas pessoas estão perdendo seus trabalhos, então tragam a vacina por favor.

Leonardo Anderson Manú
DA SILVA - 11 anos | Turma D

Eu tenho direito a vacina!
Tenho direito de estudar,
de brincar e sair para vários
lugares, e também direito de
realizar os meus sonhos!

Rafaela Andrade Lima
11 anos | Turma D

QUEREMOS

VACINA!



Queridos presidente, governador e prefeito, precisamos que vocês façam sua parte para podermos vencer essa luta! Muitos precisam dessa vacina. Então traga a vacina para que a vida possa voltar a ser colorida novamente.

JOÃO MARCOS DA SILVA
Araújo - 12 anos | Turma D

Eu quero a vacina da Covid-19, quero mais respeito para as pessoas que moram no Caju, quero paz, quero que a gente possa ir à escola e quero mais segurança!

RAFAELA ANDRADE LIMA
11 anos e MARIANA MATIAS
SILVA - 11 anos | Turma D

Caros governantes, Venho, por meio desta carta, pedir que todos os brasileiros sejam imunizados o mais rápido possível. Pessoas estão morrendo, famílias perderam parentes e foram destruídas por conta disso e vocês, que deveriam nos proteger, não estão fazendo nada! Tenham empatia por nós, sejam por nós, vivam por nós... ou, então, não restará nenhum de nós.

MANOELLA SANTOS
MONITORA DE LETRAMENTO

Presidente, queremos a vacina! Tem muita gente morrendo de Covid-19 e isso é muito triste, por isso, olhe por nós.

ANA VITÓRIA ALVES DA SILVA
11 anos | Turma D

Quero que abaixe o valor da comida, que tenha semáforos nas cidades e nossa segurança seja garantida. Queremos nossos direitos.

JENIFFER DE CASTRO SOUZA
11 anos | Turma D

Maria JULIANA santos SILveira
11 anos | Turma B



CAPÍTULO 3

NÓIS POR NÓIS

E o que restou a fazer nesse contexto de drama coletivo e abandono? A resposta foi “apenas nós”. “Nois” por “nois” mesmos e nunca uma música fez tanto sentido para nossas alunas e alunos. A comunidade se encontrou para se cuidar, se sustentar e estabelecer redes de apoio de quem não tem ninguém além de “nois”.

Embarcaremos agora nas estratégias coletivas adotadas pela Comunidade do Caju no enfrentamento das terríveis consequências da COVID-19.

MINHAS ETERNAS SAUDADES...



A quarenta me abalou muito, mas também me fortaleceu...

No começo, foram mil maravilhas. Eu a via como umas férias, pois já estava cansada da rotina e saindo de uma depressão profunda, então achei que esse “tempinho” longe iria me ajudar e foi até bom no começo. Eu me divertia fazendo dancinhas do Tiktok, desenvolvi gostos por coisas que eu detestava (como maquiagem). Resumindo: usei meu tempo para me descobrir.

Até que os dias foram passando e as coisas piorando. Minha mãe pegou covid-19 e tivemos que ir para a casa da minha irmã para que ela cuidasse da minha mãe e, nesse tempo, fui desenvolvendo ansiedade, ficando triste por “perder” amizades, por todos os problemas que passavam na televisão e por ver minha mãe doente. Minha cabeça estava a mil! Eu pensava em muita coisa ao mesmo tempo, não conseguia ter um foco, não conseguia participar das aulas online e eu percebi que estava afundando novamente.

Até que um dia eu decidi que aquilo não era para mim, decidi me levantar! Tive medo de cair na depressão, novamente e, então usei meu medo para me reerguer. E eu consegui! Eu amadureci e reconheci que pessoas são passageiras e as amizades vem e vão e isso não era motivo para que eu ficasse triste. Passei a analisar todas as situações que me deixavam triste por outros ângulos e isso acabou me ajudando.

GABRIELLY BOTELHO DE LIMA

18 ANOS – MONITORA

Rose, minha mãe que cuida de mim e me ama.

RAFAEL SOUSA DE TEIXEIRA
11 anos | Turma B

Fátima, minha vovó, quero agradecer por que ela tem me ajudado com os deveres de casa e porque ela tem me amado todos esses dias.

LUCIANA GOMES BENEDITO
8 anos | Turma A

Meu pai, minha irmã e minha avó, eles cuidam de mim e me dão comida.

CARLOS HENRIQUE DE ANDRADE TELES - 8 anos
Turma A

Aumerita, minha vovó, por que ela sempre me ajudou, está cuidando muito da gente nessa pandemia.

EVELLYN KETELY DINIVO
Ferreira - 9 anos | Turma A

Alex, meu avô, ele sempre fica comigo, vê TV comigo e ficamos conversando.

ADRYEL VICTOR SANTOS TARANTO
9 anos | Turma A

Minha avó, mesmo estando longe me ama e conversa comigo pelo celular.

LAYANE DA CRUZ FERNANDES
10 anos | Turma C



Minha avó, sinto muita saudade dela e não posso vê-la por causa da pandemia.

ISABELLE VILAÇA SOUSA
7 anos | Turma C



Minha vó Teresa, porque me ajuda muito e me dá muito amor.

KEZIA VITORIA GONÇALVES
CALIXTO - 8 anos | Turma C

Minha mãe e meu pai, eles cuidam de mim e na pandemia tentam me deixar feliz e me mandam usar máscara.

YURI GABRIEL RODRIGUES DE
SOUZA - 10 anos | Turma B

Maria José, minha avó, por que ela sempre ajudar minha mãe. Minha avó é muito legal e eu vejo mais ela hoje com a pandemia, eu valorizo muito minha avó.

MANUELA CLAUDINO LIMA
8 anos | Turma A

Minha mãe, meu pai e todos os médicos que cuidam da gente.

JOÃO RICARDO NASCIMENTO
Pereira - 10 anos | Turma B

Minha mãe, ela faz tudo pra mim e tenta fazer tudo para que eu fique bem nessa pandemia.

GABRIEL SANTOS DA COSTA
10 anos | Turma C

Minha avó, ela tomou a vacina e assim ficamos novamente juntos.

NATHAN RAFAEL FERREIRA DE ALMEIDA - 8 ANOS | TURMA C

Meu amigo Nathan, por que brincamos juntos.

JEFFERSON GUSTAVO SENA SOARES - 8 ANOS | TURMA C

Minha avó. Falo para ela que mesmo longe eu sinto muita saudade dela.

**JOÃO VITOR SOUSA DO NASCIMENTO - 10 ANOS
TURMA C**

Meu irmão, ele brinca comigo, ele é meu melhor amigo. Eu adoro assistir desenhos com ele.

**DAVID LUCA SENA MARTINS
8 ANOS | TURMA C**



QUEM TEM UM AMIGO TEM TUDO

Meu pai e minha mãe porque eles estão me ajudando muito, cuidando muito de mim. Eles me alegram quando estou triste.

EMMANUEL NASCIMENTO
CLEMENTE - 10 ANOS | TURMA D

Minha irmã, porque sempre que ficamos sozinhas em casa ela brinca comigo e não me deixa ficar triste.

MARIA JULIANA SANTOS
SILVEIRA - 11 ANOS | TURMA D

Minha avó, ela faz muito por mim e por cuidar de mim eu te amo vovó e se cuide.

GABRIELLY PEREIRA DO
NASCIMENTO - 10 ANOS
TURMA D

Minha amiga Eduarda, eu sinto muita saudade dos nossos passeios e conversas. Mesmo por celular, mantemos nossa amizade que me ajuda nessa pandemia.

LIVIA MACIEL DA SILVA
9 ANOS | TURMA C

Meu pai, por que ele me ajuda em tudo...estudos e conversa comigo.

JHENIFER DE CASTRO SOUZA
11 ANOS | TURMA D



Minha mãe, ela me ajuda com tudo!

ALLAN PIERRY DE
MORAES COSTA
12 anos | Turma D

Minha avó, ela tomou a vacina e assim ficamos novamente juntos.

ENZO MOREIRA DA
SILVA - 9 anos
Turma C

Minha mãe, ela sempre cuidou de mim e na pandemia ela fica mais em casa.

ARTHUR DE
MORAIS DA COSTA
11 anos | Turma D



PARTICIPAÇÃO ESPECIAL

FAMÍLIA DOIS TOQUES

Nessa parte de nosso trabalho encontraremos relatos, narrativas de sobrevivências, coragem em forma de textos, em forma de letras e sentidos para que as histórias ultrapassem a comunidade. Confrontamos algumas histórias de tantas histórias que existem aqui, no Caju, mas que foram e são as realidades também de tantas outras famílias.



Pandemia: um teste de vida.

Em meus 39 anos de idade já havia presenciado epidemia, doenças infectocontagiosas, endemias mortais, mas uma pandemia... Nunca imaginei passar por algo de grandiosa mortandade, às vezes parece que estamos vivendo em um filme.

Ao mesmo tempo em que enfrentamos essa doença que nos impede de ter o que necessitamos (ar), veio trazer desemprego, aumento abusivo de tudo, caos governamental e hipocrisia de muitos. Mas sempre se tira algo de bom em coisas ruins. Tivemos uma ajuda humanitária mundial nunca vista antes, tivemos ajuda mútua e amor ao próximo mostrando que não precisamos sofrer sozinhos.

Assim como praticamente 75% da população mundial, passei por dificuldade. Desempregado desde o final de 2019, em 2020 veio essa doença para mostrar o quanto somos frágeis e o quanto precisamos nos ajudar. Não é vergonha nenhuma dizer que recebi cesta básica de doação, isso foi o que nos manteve em pé para prosseguir, apesar do transtorno de ficar direto trancado dentro de casa, não poder ver familiares e amigos. O mais importante foi nos mantermos unidos e entendendo a dificuldade um do outro. Muitas famílias se separaram mesmo morando na própria casa por não haver compreensão da(o) companheira(o), mesmo com o mundo inteiro sendo tão unido em uma só direção: a vacina para nos imunizar.

Nossos valores ficaram frágeis à flor da pele, os mais fortes mantiveram sua tolerância, outros sucumbiram, mas assim é a natureza humana. Agora temos vacina e meu dia está chegando.

Apesar de ainda estar desempregado, tenho conseguido sustentar minha família mesmo sem a ajuda do governo e estamos mais unidos do que nunca. Minha esposa, minhas duas filhas e eu estamos aguardando dias melhores. Nos sentimos felizes e sortudos por estarmos vivos, saudáveis e sem nenhuma perda familiar. Porém, perdi dois amigos para essa doença em meio às muitas mortes.

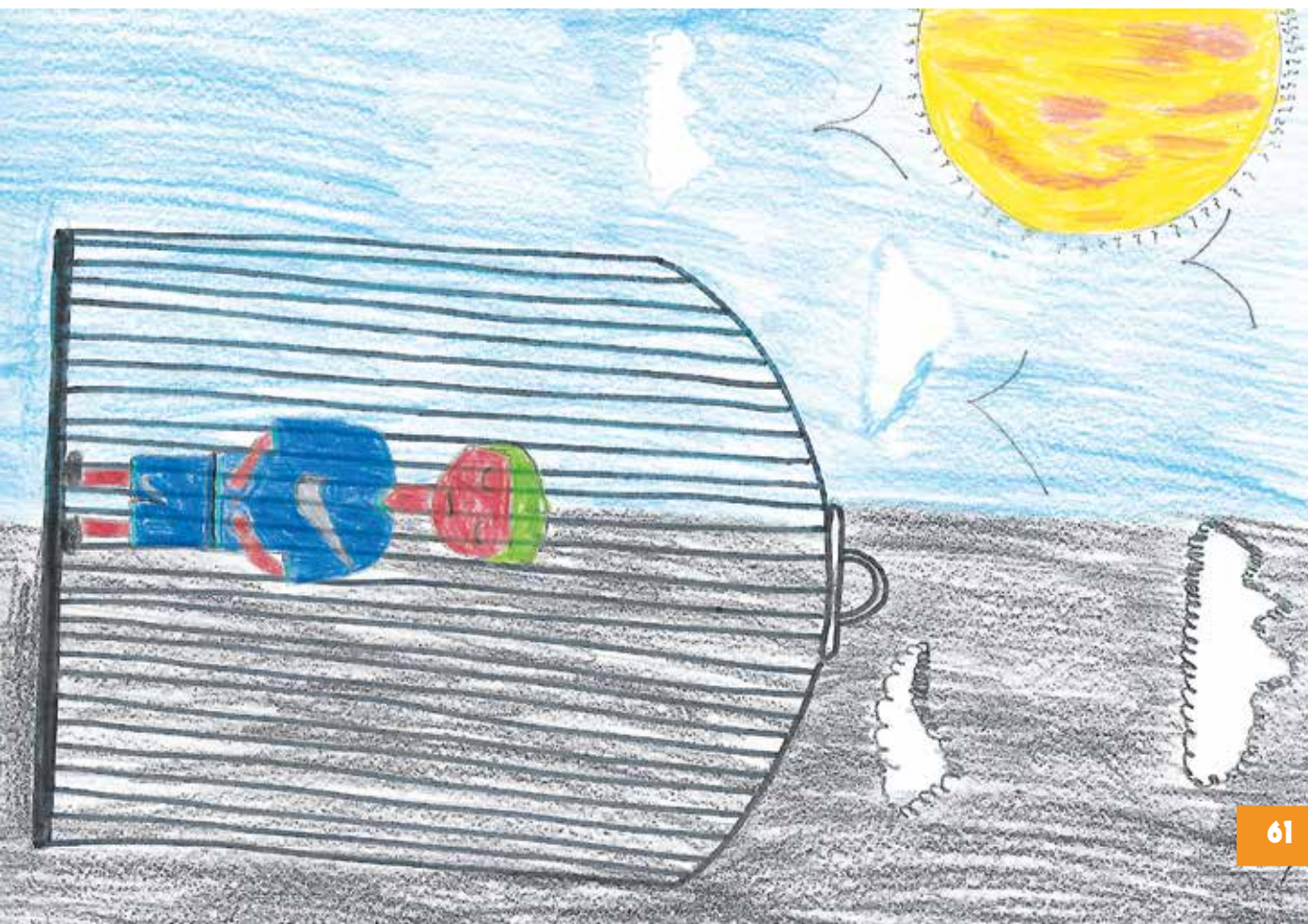
Muita saúde e sorte a todos e que tenhamos fé que superaremos essa fase ruim para voltarmos a sorrir sem medo de ser feliz.

Anderson da Silva - Responsável Alana Vitória

Minha sobrevivência na pandemia com quatro filhos e desempregada acho que não foi diferente de muitas mães e pais de família. Estava começando um treinamento para trabalhar assim que começou a pandemia. Como já se esperava fui dispensada. Minha sorte é ter minha mãe que mora comigo e arcou com o aluguel e algumas contas. Tive ajuda de ONG e as crianças ajuda e suporte da Fundação Gol de Letra.

Passou um tempo e consegui emprego novamente, mas não durou muito porque mais uma vez a pandemia se fez forte. Infelizmente muitas pessoas ainda têm muitas dificuldades, mas se Deus quiser está próximo ao fim.

Vanessa da Silva - Responsável Marianna Faria, Luan Faria, Juan Faria



Foi chocante ver o mundo parar repentinamente. O comércio fechando, a cidade inteira com restrições, escolas fechando. No início isso foi assustador, não sabíamos como lidar. Ficamos meses sem sair de casa, adotamos todas as medidas de segurança.

As crianças foram as que mais sentiram esse impacto da pandemia. Elas não tinham mais aula, não podiam brincar na rua, nem passear aos finais de semana. Assim como muitos, não estávamos preparados emocionalmente e financeiramente.

Para sobreviver no período da pandemia contei com ajuda de amigos, familiares e também da *Fundação Gol de Letra* que deu sempre suporte para os alunos.

Vivenciamos perdas de pessoas queridas, amigos e familiares sendo internados às pressas, lutando pela vida. E também vivenciando pessoas despreocupadas com a pandemia, dizendo que não era uma doença tão grave assim.

JENIFFER GOMES - RESPONSÁVEL ÉRIK GOMES e JONATHAN GOMES



Pandemia, uma palavra que causa pânico e pavor. Nunca me imaginei vivendo numa pandemia, mas não descartei essa possibilidade. Basta imaginar as condições do mundo em que vivemos, vai de mal a pior.

Deixar de partilhar coisas simples faz muita diferença, como um abraço, um aperto de mão, ver as pessoas se evitarem é muito triste. Viver em quarentena, isolados, sem escola, trabalho, nenhuma atividade como uma simples caminhada no quarteirão, não foi fácil.

Mas o que nos ajudou no dia a dia foi manter a calma. O equilíbrio contribuiu muito no planejamento familiar, em como simplificar nossa vida. Abrir mão do nosso conforto, respeitando o espaço do outro e manter a união fraternal, apesar dos desafios como estudar *on-line*, fazer as tarefas, etc.

Ter em mente que isso não era uma responsabilidade só das autoridades, mas de todos nós ajudou a acatar todas as orientações de prevenção e proteger não só a nós, mas os outros também.

Somos muito gratos às instituições, inclusive a *Gol de Letra* que nunca nos abandonou, suprimindo nossas necessidades materiais, físicas e emocionais.

A dedicação a outros me ajudou a não me concentrar nos meus próprios problemas, mas ver que os meus são muito pequenos em comparação aos demais. Não tem recompensa maior do que dedicar a vida a outras vidas. Entender e descobrir que o meu mínimo pode ser o máximo é motivo de alegria. O amor em prática e ações fazem a diferença.

LAURITA – RESPONSÁVEL JONAS BERNARDO

Me chamo Lucineide G. da S. Benedito, sou mãe da Aluna Luciana Gomes Benedito, inscrita no projeto *Dois Toques da Fundação Gol de Letra*, e venho através desta relatar um pouquinho de como passamos esse período tão complicado que se estende até hoje.

Em fevereiro de 2020 retornei para minha casa no Caju, depois de quase dois anos morando em Olaria/RJ. Parecia até que estava adivinhando o que estava por vim, pois um mês depois veio a primeira onda da pandemia. Ouvia-se falar apenas nas redes de comunicações, de fatos ocorridos bem distante de nós. Infelizmente estava cada vez mais perto.

Meu retorno foi na hora certa. Por morar em cima da casa da minha mãe, tive o apoio dela para olhar minha filha. Eu precisava trabalhar e a escola dela fechada por causa da pandemia. Se não fosse minha mãe não sei como seria, já que preciso trabalhar. Ao mesmo tempo, ajudei também minha mãe, por ser idosa, asmática, morar sozinha, passei a fazer tudo para ela. Dessa forma, não precisava ir à rua fazer nada, eu mesma fazia tudo para ela, tomando as devidas precauções.

Minha filha começou a ter as “temidas” aulas *on-line*, para as quais não consegui acompanhá-la como deveria. Achei que ela foi muito prejudicada, em um ano de aprendizado tão importante que é a alfabetização. Até hoje estamos correndo atrás do tempo perdido.

Meu marido depois que teve uma dor de garganta com as amígdalas inflamadas, já passou a achar que era COVID. Ele teve a sensação de que iria morrer, pois era só o que se ouvia na TV e nos rádios. Infelizmente teve síndrome do medo e pânico, passou a ser acompanhado por psicólogo, psiquiatra e pela Fé. Graças a Deus aquela sensação que ele tinha passou e está bem agora.

Meu marido e eu trabalhamos na mesma empresa e passamos a trabalhar apenas uma vez na semana. Saíamos de casa já apavorados. Aproveitávamos esse dia para passar no mercado e não ter que sair de casa até a próxima semana. Depois passamos a trabalhar duas vezes na semana até se normalizar no dia primeiro de julho de 2020.

Nesse período tivemos nosso vale refeição e alimentação cortados, porém nosso salário nada sofreu, permaneceu o mesmo. Não deixamos de honrar nossos compromissos, principalmente com a escola, pois percebi a necessidade da escola com os professores que também se desdobravam com a função de professores *on-line* dentro de suas casas. Entendo perfeitamente que não foram todos que puderam continuar pagando as escolas, já que muitas pessoas tiveram seus empregos perdidos.

Tivemos ajuda no período de três meses de doação de cesta básica. Pelo que ouvi falar era um banco ajudando os moradores da nossa comunidade através da CRE.

Hoje temos a ciência de que o vírus continua assolando o mundo, é uma pena parte da população não ter consciência da gravidade desse vírus e sair levando a vida como se nada tivesse acontecendo. Para minha família foi como se a nossa vida ficasse de pernas para o ar. Quem imaginaria que um dia isso pudesse acontecer de forma Mundial, um vírus matando milhares e milhares de pessoas?

Enfim, hoje continuamos nos cuidando com álcool e máscara, evitando aglomerações, tudo que entra na nossa casa leva antes um banho de álcool..rs

Que Deus guarde a cada um de nós e que tenhamos consciência de sempre estarmos fazendo a nossa parte.

LUCINEIDE BENEDITO – RESPONSÁVEL LUCIANA BENEDITO

Quando ouvimos e vimos algumas notícias sobre um vírus que estava se alastrando, não só pelo Brasil, mas por alguns países, ficamos muito preocupados, pois não sabíamos nada e quão grave e mortal ele seria. O contágio era muito rápido. Esse vírus chamado Covid-19, uma doença respiratória, se espalha pelo ar onde tem muita concentração de gente, já estava praticamente no mundo inteiro. O mundo todo está enfrentando uma pandemia que matou e ainda mata milhões de pessoas.

Passar pela pandemia é muito complicado, pois uma das medidas preventivas era ficar em isolamento. Eu fiquei pensando: “Meu Deus, estamos passando por uma pandemia na qual temos que ficar isolados, vendo só as informações na TV!”. E a cada dia que passava tínhamos a certeza de que seria longo e ainda está sendo. Sem sair, onde muitas instituições escolares, estabelecimentos comerciais, templos e a nossa Fundação Gol de Letra foram parcial ou totalmente fechadas. E ainda temos que usar máscaras, fazer o uso do álcool em gel. Além do isolamento, diversas medidas preventivas e recomendadas se tornaram muito importantes.

São muitas as coisas que estamos enfrentando, vivendo, passando, chorando e tendo esperança em Deus.

Para mim, passar por essa tempestade na qual deixou marcas e o mundo todo de luto... Escrevo e falo de todo meu coração, sem o meu Criador ficaria muito difícil. E não posso esquecer que já foram criadas várias vacinas e a nossa população Brasileira está sendo imunizada.

YOLLENE SANTOS DA SILVA

Meu nome é Marcilene Santos, sou mãe da Karina Lua Ramirez. Em março de 2020 nossas vidas foram modificadas pela pandemia. Karina em casa, sem escola, *Gol de Letra* e longe dos amigos. Para mim, esse um ano e três meses foram de muitas noites mal dormidas, preocupada com irmão, mãe internados, conhecidos e amigos que partiram com Covid.

Eu trabalho com eventos de casamento e meu esposo com vendas. Tivemos nossos trabalhos paralisados. Em meio às mudanças, minha fé só aumentou para suportar tantos acontecimentos, pois quando começou a pandemia eu estava no último mês de tratamento da tuberculose e tinha muito medo de pegar o vírus. Hoje estou curada e Deus tem me livrado desse vírus.

Nesse tempo tive que me reinventar, tenho trabalhado em casa fazendo bolos, salgados e doces. Assim tenho mais tempo para ficar com minha filha. Essa pandemia me fez conhecer muitas pessoas especiais, embora trouxe também muitas perdas, preocupações, sofrimentos. Mas também muitas mudanças!

Todos nós temos capacidade de buscar novos caminhos e podemos ajudar uns aos outros para que este mundo se torne melhor.

A *Fundação Gol de Letra* tem sido muito importante para todas as crianças e familiares, tem feito mais que os governantes. Nossa gratidão aos fundadores, patrocinadores e colaboradores por todas as vezes que nos ajudou.

MARIA MARCILENE - RESPONSÁVEL KARINA LUA



O ESTADO BRASILEIRO:

precisamos entender para poder escolher, fiscalizar e cobrar

Vamos conversar um pouco sobre como nosso país, nosso estado e nossa cidade são cuidados por aqueles que nós votamos a partir dos 16 anos de idade. Nós, como cidadãs e cidadãos, temos o direito e o dever de cobrar e nossos governantes têm a obrigação de nos dar satisfações.

O Estado brasileiro é dividido em **três poderes**. Cada um com suas obrigações e um não deve estar acima do outro, conforme podemos ver nas imagens a seguir:



LEGISLATIVO

EXECUTIVO

JUDICIÁRIO



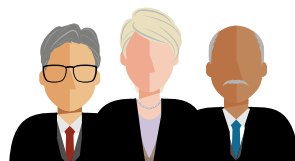
SENADORES

Nível Nacional



PRESIDENTE

Administra em nível nacional e as relações internacionais (Administração Federal)



SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL



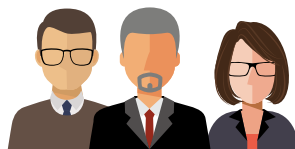
DEPUTADOS FEDERAIS

Nível Nacional



GOVERNADORES

Administra em nível estadual (Administração Estadual)



TRIBUNAIS ESTADUAIS



DEPUTADOS ESTADUAIS

Nível Estadual



PREFEITOS

Administra a cidade (Administração Municipal)



JUÍZES



VEREADORES

Nível Municipal (Cidade)

Dos Três Poderes que conduzem o nosso país, vocês sabem quais são aqueles cujos integrantes são escolhidos pelos nossos votos?

O PODER EXECUTIVO e O PODER LEGISLATIVO



QUIZ

Vocês sabem a quem devem cobrar quando as funções dos órgãos públicos não estão sendo cumpridas como deveriam? Vamos participar de um jogo de Falso ou Verdadeiro?

1. O Governo Federal tem a obrigação de planejar e promover a defesa permanente contra as calamidades públicas, especialmente as secas e as inundações.

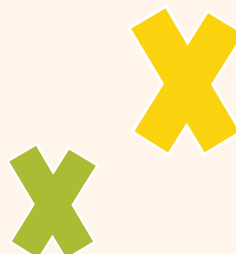
() FALSO () VERDADEIRO

2. A Polícia Militar do Estado de Janeiro é responsabilidade do prefeito da cidade.

() FALSO () VERDADEIRO

3. O Hospital Municipal Salgado Filho é administrado diretamente pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.

() FALSO () VERDADEIRO





Manter as ruas organizadas é tarefa do prefeito.

() FALSO

() VERDADEIRO



As Unidades de Pronto Atendimento (UPAs) são administradas diretamente pelo Governo Federal.

() FALSO

() VERDADEIRO



A segurança pública em todo o Estado do Rio de Janeiro deve ser feita pelo Governo Estadual.

() FALSO

() VERDADEIRO

RESPOSTAS

1. Verdadeiro

2. Falso.

A Política Militar do Estado de Janeiro é responsabilidade do

Governador do Estado do Rio e Janeiro.

3. Verdadeiro

4. Verdadeiro eiro

5. Falso.

As Unidades de Pronto Atendimento (UPAs) são administradas diretamente pelo Governo Federal.

6. Verdadeiro

FICHA TÉCNICA

DIRETORA DA UNIDADE

Beatriz Campos Pantaleão

GERENTE DA UNIDADE

Felipe Pítaro Ramos

COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

Crislaine Maciel de Lima

Gabriel Magalhães Rodrigues Coelho

Patrícia Paiva de Sá

EDITORAS EXECUTIVAS

Elenise Barbosa

Elisiane Vieira

ASSISTENTES DE EDIÇÃO, ORGANIZAÇÃO E REVISÃO

Guilherme Vieira da Silva Aguiar

Maria Caroline de Mesquita Cruz

MONITORAS E MONITORES FGL

Adriano Junior

Ana Clara Toquer

Anna Beatriz Amorim

Brenda Sousa

Carlos Henrique Santana da Silva

Daniel Suzuki

Ellen Nunes

Gabrielly Botelho de Lima

Greisson Vidalete

Guilherme da Silva Santos

Gustavo Rickelme

João Pedro de Souza Gomes

Jennyfer Kelly Soares de Araújo

Juliano Lima

Karolyne da Rocha

Leonardo Tavares

Manoella dos Santos de Souza

Petrônio Filho

Poliana Vieira da Silva

Rafaela Lopes

Sarah Julie

COLABORADORAS E COLABORADORES FGL

Alan Pereira Martins da Silva

Ana Clara de Lima Pires

Andressa Silva Pereira

Augusto Eurico Correa Mota

Aurimar Costa Mendes da Silva

Bruno Wanderson da Costa Fernandes

Carina da Silva dos Santos

Carlos Eduardo Martins de
Lima do Nascimento

Crislaine Maciel de Lima

Cristiane Barbosa Barreto

Cristiane Rosendo Reis

David das Neves Pereira

Elenise Barbosa Silva Restier

Eliane Valeria Curssu

Elisiane Vieira

Erica Roque dos Santos

Estevão Nascimento Neto

Evelyn Dyana Mendes

Fabiane da Silva

Felipe Pitaro Ramos
Fernanda Clara de Oliveira da Silva
Fernanda Guimarães Franco
Francisco Maxell Lopes de Sousa
Geovania da Silva Andrade
Hilberto de Carvalho Sousa
Igor Silva Fernandes de Almeida Velho
Iuri Bezerra dos Santos
Izabelle Uchoa Barros
Jessica Pires de Almeida
Joana Belem Varella Moitas
Juan Gonzaca de Jesus Souza
Kamila Lopes Miranda
Karina Avelar da Silva
Kassia Fonseca Rapella
Leandra Evely Manu da Silva
Leticia Cardoso Grigorio Pereira
Letícia Costa da Silva Souza
Lucas da Costa Martins
Lucas de Oliveira Mattos
Luciano Nunes Cardoso
Lurimar Aparecida Jacques
Moreno (*in memoriam*)
Luzia Roberta Marques da Costa
Marcos Roberto Ribeiro Fernandes
Maria Caroline de Mesquita Cruz
Midian Santiago Fernandes
Midori Hayama
Mislane do Nascimento
Peres de Freitas
Natalia Paes de Couto

Natasha Sholl Schneider
Nayla de Souza Oliveira
Patrícia Paiva de Sá
Paula Carolina Nolasco Ferreira Silva
Priscila dos Santos Pereira
Priscilla Almeida Pádua
Raimundo Claudino da Silva
Raissa Sousa Rodrigues
Raquel Souto Guimaraes
Renan Nery de Andrade Gomes
Renato Alexandre Pereira
Rene Santos Carvalho da Silva
Rodrigo Alves de Souza
Sandra Soares de Oliveira
Sandy Lara Pereira dos Anjos
Silvania da Conceição da Silva
Silvania Tavares Ferreira Barros
Suellen Fonteles de Sousa
Thaissa Bento Ferreira
Thaissa dos Santos
Thaya Pereira
Theresa Julia Cardoso de Bernardes
Valdeci Alves Moreira
Vitor Augusto Santos de Araújo
Zuleide Soares da Silva
Wesley Oliveira dos Santos

LISTA DE EDUCANDAS E EDUCANDOS

TURMA A

Aline de Jesus Basílio
Allison Pereira da Costa
Anna Sofia Barbosa Marques
Antônia Brenda Moraes Botelho
Carlos da Niel Souza da Silva
Carlos Henrique de Andrade Teles
Emilly Vitória Andrade
Nascimento de Santana
Evellyn Ketely Dinivo Ferreira
Guilherme Rodrigues de Moura
Jefferson Gustavo Sena Soares
Jhonatan Luan Manu da Silva
João Guilherme da Silva de Pontes
Kayke Silvestre da Silva
Luan Silva Faria de Santana
Lucas Henrique Claudino da Silva
Luciana Gomes Benedito
Luiz Felipe Barros Bárbara
Manuela Claudino Lima
Manuela Feitosa Alves
Maria Clara Marques da Silva
Paloma Vitoria Gomes de
Moraes Tranquilino
Pedro Henrique de Oliveira Lima
Pedro Miguel de Andrade Telis
Raissa dos Santos Galvão
Robert Felis da Silva
Wellington Andrade Pontes Lopes

TURMA B

Alice Gabrielly Dias Pereira
Allan Pierry de Moraes Costa
Allana Victoria Alves de Santana da Silva
Ana Carolina Soares Guimarães
Ana Julya Batista
Anne Moura Dias da Silva
Bernardo Soares Farias de Santana
Caio Roberto da Silva Oliveira
Carlos Eduardo Silva Sousa
Davi Lucas de Brito Alexandre da Silva
Dõminy César Lima Domigas
Eduarda Victória Souza da Silva dos Santos
Geovanne Lima de Oliveira
Isabelly Caetano Simões de Oliveira
Isabelly Vitoria Nascimento Soares
João Marcos da Silva Araujo
João Ricardo Nascimento Pereira
João Vitor Paiva dos Santos
Jonathan Gomes Matias
Lucas Paulo de Oliveira
Marcelo Alexandre da Silva Filho
Maria Juliana Santos Silveira
Marta da Silva Araujo
Mickaelly Leticia Feitosa Alves
Miguel Claudino Barros
Rafael Sousa de Teixeira
Samuel dos Santos da Silva
Yuri Gabriel Rodrigues de Souza
Nilson Henryck Fernandes da Silva
Raissa Abreu Pinheiro
Raquel Abreu Pinheiro
Ricardo Paz Freitas
Samuel Ribeiro Galvão
Taiane do Nascimento da Silva
Victor Hugo Silva Pereira
Viviana Honorio Rodrigues da Silva

TURMA C

Aisha Maria Gonçalves da Silva
Alice Almeida Melo
Arthu davi Santos Cunha
Beatriz Martins de Sousa
Davi Moura Santos
David Luca Sena Martins
Daylla Emanuelle Tavares Alves
Enzo Moreira da Silva
Evellyn Vitoria Nascimento dos Santos
Everton Vitor Nascimento dos Santos
Gabriel Lopes Almeida
Gabriel Santos da Costa
Giovanna de Jesus Basílio
Isabelle Vilaça Sousa
Ivillis Maria Rita Moraes Silva
João Lucas Alves de Mesquita
Joao Vitor Sousa do Nascimento
Karina Lua Lucena Ramirez
Kaylanne Santos de Araujo
Kezia Vitoria Gonçalves Calixto
Layane da Cruz Fernandes
Livia Maciel da Silva
Miryam Vitoria de Assis Pantoja
Nathan Rafael Ferreira de Almeida
Vitória Moura Santos

TURMA D

Alessa Caterinque Alves
Alessandra Vitoria Luiz Felix da Silva
Ana Clara Dionísio de Lima
Ana Clara Santos Lima
Arthur dos Santos Marmelo
Breno Medeiros do Nascimento
Daniel Alves Ramos
Erick Teixeira Santana
Esther da Silva Oliveira
Felipe Gabriel Brito Rocha
Gabriel da Silva Nascimento
Geovanna dos Santos Renovato de Brito
Giovanna de Sousa Vitorino
Giulia Silva Candido
Iran Moura da Silva
João Vitor Rodrigues Bezerra
Kemilly da Silva Ferreira
Layra Eduarda Santos Ditta
Marcelly Moura Santos
Maria Eduarda da Silva Alves
Maria Juliana Santos Silveira
Matheus Caterinque da Conceição
Myllena de Souza Ribeiro
Nicole Cordeiro de Araújo
Pedro Henril Araujo Dias
Rafael de Oliveira Matos Fernandes
Rafael Romão Bezerra
Ray Pereira de Sousa
Samuel da Silva Maximiano
Victor André Lima Mourão de Oliveira
Vitoria Hellen da Silva
Wesley Kaiky Lopes da Silva
Yuri Leal da Silva

TURMA E

Adriano Júnio da Conceição Cassiano
Alex Araujo Teixeira
Ariella da Silva do Nascimento
Aylla Ketley Sena Soares
Bernardo de Sousa de Lima
Gabriel da Silva dantas
Giovanna Ferreira Nascimento
Isabelle Ribeiro Gomes
Jhennefer Carolina Faria da Rosa
Kayllane Vitoria Rocha Cardoso
Layane Nikole da Silva Oliveira
Lucas Marques de Souza
Maria Eduarda Ildefonso Ribeiro
Marianna Silva Faria de Santana
Mauricio Santos de Moraes
Nilson Henryck Fernandes Calixto
Ray Pereira de Sousa
Wellington Evangelista da Silva

TURMA F

Ana Clara dos Santos da Silva
Anna Beatriz dos Santos Nogueira
Fabio Rodrigues de Sousa
Isabela Alves Alexandre
Kaik de Lima Marinho
Karolyna Bezerra da Silva
Maria Clara Freire Rodrigues
Mariane Silva de Sousa
Raquel Paulo da Costa
Ruan Silva Faria de Santana
Thalita Tigre Barbosa
Victória Carvalho da Silva
Vitor Ribeiro de Oliveira

TURMA G

Adiones Camilo dos Santos
Anne Vitória Brito Fernandes
Clara Ghidalevich Lima
Déborah Hevelyn Nascimento de Almeida Silva
Deyvison Oliveira da Silva
Eduardo Moreira da Silva
Erik Gomes Matias
Gabriel Viegas Belém
Gustavo da Silva Taveira
João Pedro Rodrigues da Silva
João Vitor Andrade Pontes Lopes
Jully Gabrielly Antunes dos Santos
Karyna Cristine Dias Silva
Kaue Pereira de Souza
Larissa Sena de Jesus
Leticia Alves Silva Francisco
Lucas do Nascimento Javorivski
Maria Eduarda da Silva Martins
Mateus Dias da Silva Santana de Almeida
Rodrigo Nascimento da Silva
Samara Lopes da Silva
Wallace Matheus da Silva Oliveira

TURMA H

Andriel da Costa
Daniel Alves Ramos
Eduardo Vilaça Sousa
Gabriel da Silva Nascimento
Geovanna dos Santos Renovato de Brito
Iran Moura da Silva
Isabella Brito Fernandes
Julia Aparecida Galdino Farias
Kamilla Tainara de Sousa Assunção
Kemilly da Silva Ferreira
Laís Santos Cunha
Layra Eduarda Santos Ditta
Maria Eloiza Santos Silvestre
Matheus Caterinque da Conceição
Miguel Gomes de Aquino
Nicole Cordeiro de Araújo
Pedro Henril Araujo Dias
Rafael Romão Bezerra
Sara Lavinia Santana Moraes da Silva
Viviana Honorio Rodrigues da Silva
Yuri Leal da Silva
Rafael da Silva Benitah
Sarah Vivian de Deus dos Santos
Stefany Vitoria Ramos Sales
Tayssa Valeria Curssu dos Santos
Thalita Tigre Barbosa
Thiago Vieira Santos
Tiago Alves Ramos
Walaci Silva dos Santos
Yuri Oliveira da Silva

TURMA I

Adryelle dos Santos Barbosa
Breno Luiz Machado Dias
Daniel Matheus do Nascimento Duarte
Diane Pires da Silva
Gabrielly Rodrigues Alves
Gabriely dos Santos da Silva
Jessica Vitória dos Santos Nascimento
João Vitor Brito Fernandes
Kaio Felipe da Silva Lima
Kauã da Silva Pereira
Luan de Melo Gomes da Silva
Luís Felipe da Silva Sousa
Manuely de Moraes Francisco
Marcos Vinicius Farias Brito
Maria Clara Feitosa de Oliveira
Maria Eduarda Santos Saraiva
Moises Batista de Castro
Ronald Cauan Rocha Cardoso
Sarah Vivian de Deus dos Santos
Stefany Vitoria Ramos Sales
Tainá da Silva Lima
Tayssa Valeria Curssu dos Santos
Thiago Vieira Santos
Tiago Alves Ramos
Walaci Silva dos Santos

TURMA J

Ana Beatriz Alves Alexandre

Arthur Horácio Paulino

Bruno Sousa de Lima

Danielle Honório da Silva

Davi Santos Machado

Francisco Evandro Martins dos Santos Filho

Giovana Batista do Carmo

Greice Vitoria Constantino Fernandes Príncipe

Iago davi dos Anjos Santos Andrade

João Carlos Andrade Pontes Lopes

Jonas Bernardo Araujo

Julia Rodrigues de Sousa

Karolyne Wanessa Nascimento Dantas

Letícia Martins de Oliveira

Lorran Dias de Souza

Manuelle Gomes Barbosa

Marcele Vitoria Silva Ferreira

Maria Luiza Rodrigues da Silva

Pedro Henrique Bezerra Barros

Talita Santos Saraiva

Thainá Teles Torres

Victor Leonardo Vitorino do Nascimento

Vitória Santos Rodrigues da Silveira



PATROCÍNIO



APOIO



CULTURA

PARCEIRO

